

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ANDERSON RICARDO LINO MENDONÇA

EDUCAÇÃO E VIOLÊNCIA ESCOLAR: ESSE PAR NÃO COMBINA

Um Olhar Sobre os conflitos Entre Alunos, Pais e Professores

Escola Estadual Bueno Brandão – Uberlândia/MG

**Uberlândia
2008**

2370
S.15 (L)
2370
S.15 (L)

ANDERSON RICARDO LINO MENDONÇA

EDUCAÇÃO E VIOLÊNCIA ESCOLAR: ESSE PAR NÃO COMBINA

Um Olhar Sobre os conflitos Entre Alunos, Pais e Professores

Escola Estadual Bueno Brandão – Uberlândia/MG

Trabalho de conclusão de curso, apresentado como requisito para a obtenção do título de bacharel em História, no curso de graduação em História do Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação do Prof. Dr. Antônio de Almeida.

**UBERLÂNDIA
2008**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ANDERSON RICARDO LINO MENDONÇA

EDUCAÇÃO E VIOLÊNCIA ESCOLAR: ESSE PAR NÃO COMBINA

Um Olhar Sobre os conflitos Entre Alunos, Pais e Professores

Escola Estadual Bueno Brandão – Uberlândia/MG

**Uberlândia
2008**

MENDONÇA, Anderson Ricardo Lino. (e-mail: andertaurorlm@hotmail.com)

EDUCAÇÃO E VIOLÊNCIA ESCOLAR: ESSE PAR NÃO COMBINA – Um olhar sobre os conflitos entre Alunos, Pais e Professores Escola Estadual Bueno Brandão – Uberlândia-MG. Anderson Ricardo Lino Mendonça – Uberlândia, MG, 2008.

39 fls

Orientador: Prof. Dr. Antônio de Almeida .

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História .

Inclui Bibliografia

Vivências, alunos , professores, violência

ANDERSON RICARDO LINO MENDONÇA

EDUCAÇÃO E VIOLÊNCIA ESCOLAR: ESSE PAR NÃO COMBINA

Um Olhar Sobre os conflitos Entre Alunos, Pais e Professores

Escola Estadual Bueno Brandão – Uberlândia/MG

Banca examinadora:

Prof. Drº Antônio de Almeida (orientador)

Profª Ms Gizelda da Costa Silva Simonini

Profº Júlio César Meira

Dedico este trabalho à minha mãe, Maria Celsa Lino Mendonça, que dedicou a vida, me dando muito carinho e amor. Ela é mais do que uma mãe para mim. Ao meu pai, José Mendonça Filho, que sempre lutou contra as dificuldades, para dar ao seu filho as melhores condições de estudo. Aos meus três irmãos, Adrielle, Adriano e Alessandra, pela amizade. A Deus, que deu paciência a meu orientador que foi meu guia no caminho certo desse trabalho de pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores que, de alguma forma, contribuíram para a minha formação. Agradeço, em especial, ao professor Antônio Almeida, pelas aulas de Introdução a História, além de ser meu orientador nessa monografia, ao professor de Antropologia, João Marcos Além, cujas aulas não esqueço, a professora Lilla e ao meu amigo João Batista, que quando eu estava em dificuldades sempre me ajudou naquilo que pôde.

Dedico especialmente aos meus pais, Maria Celsa Lino Mendonça e José Mendonça Filho, pela educação, dedicação na formação do meu caráter. Aos meus grandes amigos Lucimar Franca, Lucas Salles Monteiro, Benicio Lemes Aquino, Geraldo Paulino da Silva e sua família, Rogério (Drops), Flávio (Rouxinho), Marlon, Amanda e outros que por hora não me recordo, mais que estão dentro do meu coração.

Na universidade aprendi a ser humano e mais social, a quebrar preconceitos e realmente ser um cidadão pleno. A formação que recebi foi a melhor possível, devido à dedicação dos meus professores e claro a minha dedicação pessoal. Contudo, agradeço principalmente aos meus pais, que lutaram para realizar o sonho de ver seu filho com um diploma de curso superior, oportunidade essa que nunca tiveram por falta de condições.

Agradecer a grande alegria que tive, sobre aquele que entre os grandes és o primeiro, salve o tricolor paulista amado clube brasileiro, a sua história vem do passado, parabéns Hexacampeão, comandado pelo Muricy Ramalho e protegido pelos céus pelo eterno Telê Santana. O São Paulo Futebol Clube está no meu coração e foi motivação para terminar esta monografia.

RESUMO

O trabalho aqui desenvolvido tem como objeto de pesquisa a Escola Estadual Bueno Brandão. Para isso, foram feitas entrevistas com pais de alunos, professores, funcionários e outras pessoas que, por algum motivo, convivem diretamente com os problemas e dilemas existentes naquela escola. Ao longo da pesquisa procurei responder como essas pessoas lidam com o problema da violência nesse local e como enfrentam o medo do dia-a-dia, por causa da sensação de insegurança. O que essas pessoas estão chamando de violência? Tentar desvendar como essa violência se manifesta na Escola e de que forma ela é sentida pelos alunos, professores, demais profissionais que trabalham naquela instituição e pelos próprios pais de alunos, foi dos desafios a que nos propusemos a enfrentar.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I- ESCOLA ESTADUAL BUENO BRANDÃO: UMA HISTÓRIA QUE SE CONFUNDE COM A CIDADE DE UBERLÂNDIA.....	16
CAPÍTULO II – VIOLÊNCIA E INSEGURANÇA UM, DILEMA ENTRE ALUNOS , PAIS E PROFESSORES.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
FONTES UTILIZADAS.....	38
I FONTES ORAIS.....	38
II FONTES IMPRESSAS.....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39

INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação em Uberlândia, cotidianamente, veiculam matérias com depoimentos de pessoas que se dizem amedrontadas e que evitam sair à noite ou circular pelas ruas ou bairros considerados perigosos, pelo fato de terem sido vítimas, direta ou indiretamente, de algum ato violento. Percebe-se, dessa forma, que a violência é um dispositivo capaz de influenciar as práticas cotidianas da população e, com isso, a cidade deixa de ser plenamente apropriada pelos seus próprios moradores a partir da prática sócio-espacial firmada no uso e revelada por uma relação espaço-tempo que potencializa a apropriação dos lugares para a realização da vida¹.

Neste trabalho, partindo de uma motivação que brotou de experiência pessoal no exercício das minhas funções no campo da segurança pública, que tem possibilitado a este pesquisador conviver todos os dias com práticas de violência na cidade de Uberlândia e região, procuramos refletir sobre essa temática no âmbito dos espaços educacionais, os quais têm grande importância para a cidade de Uberlândia em sua construção social e política. Colocamos em evidência um processo de violência existente na relação aluno – professor, que vem aumentando na educação brasileira como um todo e na cidade de Uberlândia em particular.

Ao pensar essa problemática de maneira mais ampla, é possível estabelecer uma relação entre a sensação de insegurança e de medo, presentes na população, com a sensação de insegurança vivida pelos professores e alunos nos espaços de construção e transmissão do saber, o que, neste último caso, tem sido qualificado como “violência escolar”.

A referência para efeitos da pesquisa empírica foi a Escola Estadual Bueno Brandão, situada no centro da cidade de Uberlândia, numa das principais praças públicas da cidade, a Praça Tubal Vilela. Devido, ser um escola famosa na cidade, esta me despertou por causa, dos vários problemas que vem acontecendo de casos violência não só nesse espaço educacional ,mas na maioria deles, em buscar compreender os

¹ Carlos, A.F. *O Espaço Urbano : novos escritos sobre a cidade*. S.P. Contexto 2004. Pág.148

fatores motivadores desses conflitos e tensões e como isso influencia a vida daquelas pessoas que convivem naquele espaço educacional.

Assim, ao longo desta pesquisa procuramos compreender o processo de construção da Escola Estadual Bueno Brandão, em Uberlândia, destacando as motivações políticas e educacionais da época e procurando fazer um paralelo entre essa motivação e o caótico quadro de violência que surgiu posteriormente, e que vem crescendo de maneira acentuada em nossa cidade e no país.

Adotando como procedimento metodológico a análise de narrativas de professores, alunos, diretores e demais agentes que atuam na Escola Estadual Bueno Brandão, procuramos perceber a importância daquela instituição pública estadual para a cidade, para os profissionais da educação e principalmente para os alunos. A partir desse diálogo procuramos verificar como essa sensação de insegurança e de medo se revela para esses agentes que interagem no âmbito daquela unidade escolar e como os embates, os conflitos e as tensões se refletem nas atividades de ensino.

Para isso, foi importante retirar das narrativas as diferentes visões sobre o fenômeno da violência. Como os professores têm enfrentado, dentro e fora da escola, esse tipo de dificuldade no exercício do seu trabalho? Quais as alternativas encontradas por esses profissionais da educação, para enfrentar essa problemática nas atividades didáticas e pedagógicas? Qual o papel desempenhado pelas famílias no enfrentamento dessa questão?

Como historiador, penso que esse imaginário da “violência” está impregnado nos alunos, professores e pais que se relacionam em função da sua vinculação com a Escola Estadual Bueno Brandão, vista como Escola promissora, mas que sofre os efeitos da propagação da violência difundida pelos meios de comunicação e que acaba influenciando a maneira de muitos deles pensarem e agirem. Nota-se, com isso, que as práticas de violência existentes numa cidade interferem no comportamento das pessoas que ali habitam e, de certa forma, acabam sendo um fenômeno que regula e determina o modo de vida da população. Ou seja, são os meios de comunicação de massa, como os jornais locais, rádios e principalmente a televisão influenciando o comportamento das pessoas. Como afirma Sarlo:

(...) a informação é veiculada através da transmissão instantânea, ao vivo dos acontecimentos (...) As reportagens da crônica na TV são extremamente documentais, tão radicais a ponto de não haver, a não ser muito raramente, a manipulação dos cortes de edição; e as seqüências são prolongadas ao máximo, com altos e baixos da tensão narrativa (...) ²

As práticas de ações delituosas estão em todos os lugares e não escolhem classes sociais para seu desenvolvimento. Isso significa dizer que as escolas públicas não apresentam maior índice de violência simplesmente por agrupar alunos que moram geralmente nas periferias e, por isso, convivem em condições precárias, sofrendo de perto o descaso governamental. Como destaca Félix:

“Evidencia-se, contudo, que o crime não está presente apenas em áreas excluídas espacialmente. Porém, ele atinge com mais severidade às classes menos privilegiadas da sociedade contemporânea. Isso ocorre porque, geralmente, confluem num mesmo território diversos problemas tais como a baixa escolaridade, o desemprego e a miséria, no grau mais extremo da pobreza. A insatisfação gerada por essa situação é que predispõe o desencadeamento da violência nessas áreas”. ³

Ainda segundo a autora, a miséria econômica é a que mais tem sido divulgada pelos meios de comunicação, o que implica em dizer que a pobreza leva substancialmente à violência e conseqüentemente a delinquência. Embora as estatísticas apontem que os fatores econômicos podem levar as atitudes não convencionais, como a violência, contudo o fator econômico por si só não é a causa determinante ⁴. Portanto, segundo a autora, o que justifica o aparecimento e o crescimento da violência não é a falta de poder aquisitivo em si, mas sim uma crise moral que os pais carregam para si,

² Beatriz, Sarlo. **Tempo Presente: Notas Sobre a Mudança de uma Cultura**.cap.2Contrastes da Cidade.Pág – 60 e 61

³ Félix, Sueli A.F.**Geografia do crime:Interdisciplinaridade e relevâncias**.Marília:Unesp,2002.pág 149

⁴ Souza ,M.L. **A Delinquência juvenil em Uberlândia: Uma análise do adolescente e da família**.Monografia2003.UFU Uberlândia.pág75

uma vez que, deixando de atentar para educação dos seus filhos estão imbuídos em projetos pessoais, principalmente profissionais, e exclusivos, deixando em segundo plano a formação moral e ética dos seus filhos.

No entanto, o que existe é a constituição de um imaginário social, criado e difundido pelos meios de comunicação de massa e que deixa as pessoas amedrontadas, ao saber que seus filhos estão indo para escola correndo o risco de sofrer alguma prática de violência nas ruas, ainda que isso seja apenas uma hipótese ou possibilidade. É esse imaginário da “violência”, que vai sendo formado todos os dias nas vivências dos alunos, dos professores e dos pais uberlandenses, assim como em outras regiões do país, que acaba sendo tomado como verdade absoluta para quem vive na cidade.

Ultimamente, um assunto que tem merecido muito debate e reflexão é a problemática da educação em nosso país, sobretudo, no que diz respeito às condições que são dadas aos jovens para conseguirem uma formação necessária para um bom desempenho em todos os processos de relações sociais. De fato, é necessário valorizar a educação em toda e qualquer sociedade. Mas, analisando o papel da escola de uma forma em geral, no que diz respeito ao estabelecimento de um objetivo principal, que é o de promover a formação de cidadãos cultos no meio em que vivem; notamos que os educadores estão passando por diversas dificuldades para concretização do seu trabalho nas escolas.

Além do descaso que sofrem pelos governantes, na desvalorização do seu trabalho, os educadores estão tendo que conviver com diversas formas de violência por parte do corpo discente e outros grupo dentro e fora das escolas. Como a professora Maria, da Escola Bueno Brandão, nos relata, “os alunos não têm nenhum respeito pelo professor, eles acham que podem tudo, xingar dentro de sala, discutir com o professor e assim vai ”⁵.

Quando nos preocupamos em analisar o desempenho e as conseqüências desse fato, pretendemos demonstrar quais os motivos e razões que contribuem para o surgimento e o crescimento da violência dentro do espaço educacional. Daí, a nossa preocupação em discutir e verificar as diversas dificuldades que os professores

⁵ Professora Maria, da E.E.Bueno Brandão.(nome fictício)

enfrentam no cotidiano, através de suas vivências e experiências dentro e fora da sala de aula, na formação e no aprendizado do aluno.

Notamos que os professores não se sentem preparados em sala de aula para lidar com tanta violência nas escolas, não recebem nenhuma preparação especial na faculdade para gerenciar esses tipos de problemas, tendo, muitas vezes, que adotar um comportamento alternativo, com medidas repressivas contra os alunos, as quais, por vezes, acabam agravando ainda mais a situação. Percebemos isso através das visitas na escola, quando as práticas autoritárias, adotadas pelos professores para conseguir o controle dos alunos acabavam contribuindo para impulsioná-los a cometerem mais violência ainda, seja dentro ou fora das escolas.

Percebemos que a instituição escolar vem enfrentando diversas mudanças devido ao aumento das dificuldades no dia-a-dia, sendo estas provenientes tanto das tensões internas, no que diz respeito à desorganização da vida social; quanto às mudanças que estão também ligadas a alguns fatores externos, que se expressam através da exclusão social, da pobreza da marginalidade e da crise do desemprego. Esses são alguns fatores que vão influenciar na mudança das escolas, levando em consideração que, esta sempre foi vista como uma instituição fornecedora de socialização, um espaço de aconchego e de integração social, mas que atualmente está se transformando num local de violências.

Por isso, as escolas deixaram de ser apenas o espaço no qual acreditávamos haver harmonia, respeito e paz entre as pessoas ou lugar de crescimento cultural, para se tornarem, também, lugares onde não há razoabilidade e sim uma espécie de “prisão juvenil”, nos quais impera muitas vezes as práticas de agressões físicas e verbais, ameaças, uso de droga, racismo e diversas outras formas de violência.

Tendo em vista as especificidades desta pesquisa, as fontes orais se constituíram de extrema importância para realização do trabalho. Foram principalmente essas fontes que nos permitiram dialogar com o corpo docente e discente, bem como com alguns pais de alunos, que fazem parte, direta ou indiretamente, da realidade da Escola Estadual Bueno Brandão. Seguindo os ensinamentos do autor Alessandro Portelli, em

sua obra “Forma e Significado na História Oral”⁶, ao afirmar que a entrevista deve ser vista como “uma força entre dois sujeitos, literalmente, uma visão mútua”, realizamos essas entrevistas com -os alunos, professores e pais procurando conhecer suas experiências no meio onde convivem, visto, aqui, como um espaço social. Através desses diálogos percebemos a representatividade que a escola tem na vida de cada um desses sujeitos. Essa importância da instituição para o desenvolvimento pessoal e profissional nos permitiu pensar sobre os valores dessas pessoas que foram sendo formados durante a vida, seu modo de agir e pensar, resultantes, em larga medida, dessas experiências compartilhadas.

Ao trabalharmos com as narrativas levamos em consideração o poder de re-elaboração dos fatos, por parte dos entrevistados. Por isso, não podemos simplesmente considerar os depoimentos como uma descrição tal qual dos fatos ocorridos, pois como alerta Portelli, “é preciso entender o que está por trás daquilo que o entrevistado narra”. Dentro desta perspectiva, considero importante a colocação de Portelli de que “as fontes orais contam-nos, não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo o que agora pensa que fez”⁷. Assim, ao mesmo tempo em que devemos estar atentos para alguns limites que as fontes orais nos trazem, até porque os relatos têm em sua essência muitas subjetividades e paixões, dimensões que não podem ser desconsideradas pelo pesquisador, por outro lado, temos que reconhecer, também, que elas nos fornecem caminhos totalmente diferentes para serem exploradas, tornando nosso objeto de pesquisa, mais intrigante, tendo em vista que estamos lidando com experiências humanas. Como o autor Raphael Samuel, destaca:

“A evidência oral torna possível escapar de algumas falhas dos documentos (...) A evidência oral é importante não apenas como fonte de informação, mas também pelo que faz para o historiador, que entra no campo como um fiscal invisível. Pode

⁶ PORTELLI, Alessandro. **Forma e Significado na História oral. A pesquisa como um experimento em igualdade**. Trad. Maria Therezinha Janine Ribeiro. Ver. Técnica : Déa Fenelon . Proj. História, São Paulo, 1997, P.9.

⁷ PORTELLI, Alessandro. **A Filosofia e os fatos ; narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais**. Tempo, Rio de Janeiro, Vol 1 nº2, 1996 P.72

ajudar a expor os silêncios e as deficiências da documentação escrita”⁸

Assim, as fontes orais nos proporcionaram compreender a realidade mostrando as vivências e concepções dos sujeitos históricos, os momentos vividos por esses sujeitos, enfim, o cotidiano dessas pessoas que fazem parte da história da Escola Estadual Bueno Brandão, o que nos possibilitou refletir sobre suas experiências de vida, seus costumes, seus hábitos e suas perspectivas quanto o futuro da educação no Brasil.

Quando trabalhamos com fontes orais nos deparamos com várias lacunas que acabam atrapalhando um pouco a pesquisa de qualquer trabalho. No entanto, devemos encarar esses fatos não como empecilhos sobre o trabalho da pesquisa, mas sim buscar a compreensão dos significados que cada narrativa nos passa, problematizando a temática em estudo para obter um resultado que chegue próximo daquilo que buscamos compreender.

Aliás, sobre esses desafios teóricos e metodológicos do historiador, procuramos nos inspirar em Thompson, que nos alerta sobre a necessidade de nos guiarmos pela lógica história, entendendo, com isso, “um método lógico de investigação adequado a materiais históricos” que requer do pesquisador, se distanciar da rigidez presente em alguns modelos teóricos, eliminando “procedimentos auto confirmadores”⁹, e estando aberto para as imponderabilidades e os imprevistos, os quais, são tão desafiadores quanto estimulantes para o exercício da pesquisa.

No primeiro capítulo dessa monografia, apresento um pequeno histórico sobre o nascimento da Escola Bueno Brandão, a situação em que vivia a cidade de Uberlândia na época, no segundo momento desse capítulo através de entrevistas tento mostrar a desvalorização que o profissional de educação sofre, e a política educacional de valorização da escola particular feita desde muito tempo na cidade de Uberlândia.

⁸ SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. In **Revista Brasileira de História. História em Quadro – Negro: Escola, Ensino e Aprendizagem**. São Paulo; Marco Zero/ANPUH, N. 19, 1990, p. 237

⁹ THOMPSON, E. P. **A Miséria da teoria ou um planetário de erros**. Trad. Waltencir Dutra. Rio de Janeiro; Zahar Editores, 1981, p. 49

No segundo capítulo, procurei me atentar nas narrativas de alunos, pais e professores, e outros agentes que fazem parte direta e indiretamente do cotidiano da Escola Estadual Bueno Brandão, como estes se relacionam com “sensação de insegurança”, de medo que permeiam seu subconsciente quando se anda pela escola e em torno desta.

Procurei me atentar através dos depoimentos orais para que os alunos, professores estão chamando de “violência” e como ela esta permeada e impregnada na vida de muitos dos alunos e principalmente professores daquele local e quais suas conseqüências e transformações ocorridas ao longo do tempo nas praticas de “violência”. Como esses sujeitos históricos estão vivendo com a “sensação de insegurança e do medo” de freqüentar, trabalhar na escola. Neste capítulo, também ponho em destaque o PROERD – Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência, um programa realizado pela Policia Militar na cidade de Uberlândia pra prevenção das drogas e violência.

CAPÍTULO I:

ESCOLA ESTADUAL BUENO BRANDÃO: UMA HISTÓRIA QUE SE CONFUNDE COM A CIDADE DE UBERLÂNDIA

“A história oral e as memórias, não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias”

Alessandro Portelli¹⁰.

Neste capítulo, a preocupação, num primeiro momento, será apresentar ao leitor a Escola Estadual Bueno Brandão, sua localização, estrutura e a importância histórica desse espaço educacional para cidade de Uberlândia. Na sequência, através de narrativas de professores, pais e alunos, procuraremos refletir sobre as expectativas desses sujeitos sociais, diante dessa Escola. Para isso, inicialmente cabe uma pequena digressão histórica para melhor situar o vertiginoso crescimento do pacato vilarejo, então chamado Uberabinha (nome dado por pertencer a cidade de Uberaba) que se transformou na atual Uberlândia.

A ocupação da região do Triângulo Mineiro, antigo Sertão da Farinha Podre, efetivou-se no início do Século XIX; antes, era apenas um ponto de passagem de tropeiros e mineradores. O Triângulo Mineiro pertenceu à Província de Goiás até 1816, passando então para a Província de Minas Gerais. No intuito de colonizar as terras situadas na região, o governo de Minas iniciou uma campanha visando intensificar a ocupação do Sertão da Farinha Podre. Nessa época, os índios Caiapós, primitivos habitantes da região, foram "empurrados" para as regiões de Goiás e Mato Grosso, facilitando a vinda dos desbravadores. Entre eles, encontrava-se João Pereira da Rocha que, atraído pela possibilidade de ocupar áreas imensas e férteis, chegou ao local onde se situa hoje o município de Uberlândia. Em 29 de junho de 1818 atingiu as margens de um ribeirão denominado Ribeirão São Pedro; local onde hoje passa a Av. Rondon

¹⁰ PORTELLI, Alessandro. *A filosofia e os fatos : narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Tempo*, Rio de Janeiro, vol .1 nº2 , 1996P.72

Pacheco. Com a aquisição de Sesmaria e a incorporação de terras devolutas, fundou a "Fazenda São Francisco", marco inicial da região.

“Em 1832, procedente de Campo Belo do Oeste de Minas, chega à região a Família Carrejo. Adquirindo algumas terras e tomando posse de outras, formaram uma gleba assim distribuída: Fazenda Olhos d’Água para Luiz Alves Carrejo; Fazenda Lage, para Francisco Alves Carrejo; Fazenda Marimbondo, para Antônio Alves Carrejo e Fazenda Tenda para Felisberto Alves Carrejo”.¹¹

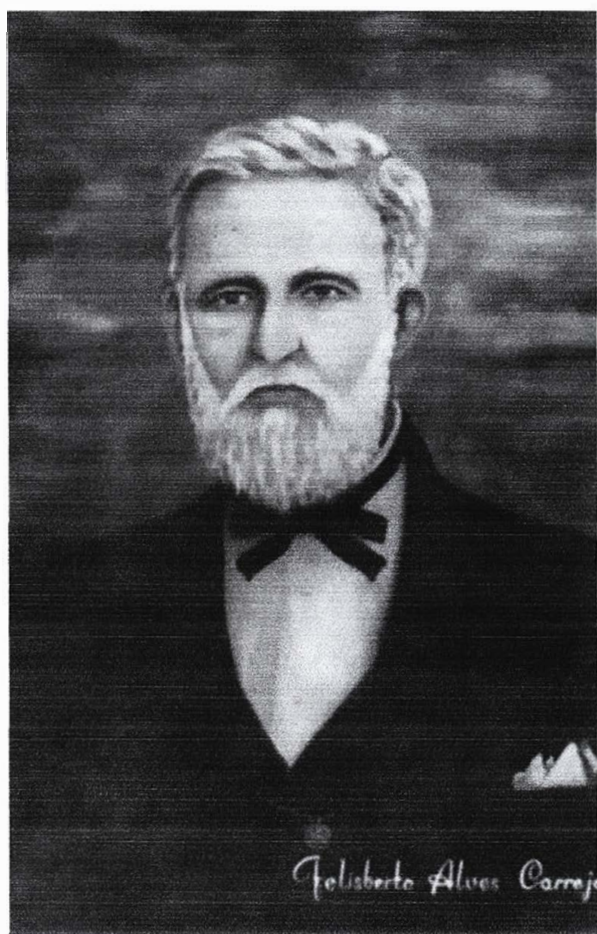


Foto Felisberto Alves Carrejo

Oriundas de várias regiões, aqui aportaram outras famílias aumentando o contingente de colonizadores. Para atender às necessidades imediatas, surgiram as oficinas, serrarias, olarias, engenhos de cana, teares, as rocas das fiandeiras e a tenda de

¹¹ Arquivo Municipal de Uberlândia

ferreiro. Em 1835, Felisberto Alves Carrejo funda, na Fazenda da Tenda, a primeira escola da região, escrevendo, ele mesmo, as lições e os exercícios utilizados na alfabetização. Acredita-se que o contínuo funcionamento da escola foi uma contribuição decisiva para o nascimento da cidade. Felisberto, dotado de um espírito empreendedor, idealizou o início do povoado. Para tanto, em 1846 adquiriu 10 alqueires de terras, da Fazenda do Salto. À margem direita do Ribeirão São Pedro e Córrego Cajubá. Esse terreno, mais tarde ficou conhecido como Pasto da Santa - hoje, Bairro Tabajaras. Para que se efetivasse a criação do povoado, Felisberto projetou a construção de uma Capela. No local escolhido, onde hoje funciona a Biblioteca Pública Municipal, na Praça Cícero Macedo, era um vasto "Capão" de mato, mas não tinha água¹². Para sanar esse problema, Felisberto construiu um rego d'água que, saindo de Ribeirão São Pedro, próximo de onde hoje está instalada a Escola de Educação Física, acompanhava o declive do terreno, passando pela atual Av. Rio Branco, Rua Barão de Camargos, Rua Marechal Deodoro até a Praça Cícero Macedo. Resolvido o problema e com a devida autorização do bispado de Goiás, inicia-se a construção em 1846. Sete anos depois estava concluída a Capela que daria origem ao Arraial de Nossa Senhora do Carmo e São Sebastião da Barra de Uberabinha. Em 1861 foi reconstruída, passando a denominar-se Igreja Matriz de N. Senhora do Carmo.

Em 1943 a Matriz foi demolida sendo construída no local a Estação Rodoviária, que ali permaneceu até a década de 70 quando foi transferida para o local atual, Terminal Rodoviário Castelo Branco. O prédio abriga hoje a Biblioteca Pública Municipal.

A Praça onde se situa o referido prédio, outrora foi conhecida como Largo da Matriz, posteriormente, Minas Gerais e a partir de 1951 - Cícero Macedo. Com o crescimento do Arraial, formou-se um núcleo de habitação denominado Fundinho e, em 1851, uma fazendeira local, Senhora Francisca Alves Rabelo, vendeu uma extensão de 100 alqueires de terra ao patrimônio da Capela de N. Sr^a. Do Carmo e São Sebastião da Barra. A partir dessa transação de terras configurou-se então uma área pública onde, sob a proteção da Igreja e por concessão, foi se formando o povoado que era então uma extensão de campo. Nas circunvizinhanças da Igreja têm início construções de

¹² Fonte Jornal Correio de Uberlândia

habitações destinadas à residência e comércio. Sem critério de urbanização, foram abertas ruas em terrenos irregulares e maltratados.

As primeiras denominações dadas aos logradouros públicos foram: Rua do Pasto (Tiradentes), Rua das Pitangas (Augusto César), Rua do Cota (Dom Barreto) Rua São Pedro (General Osório), Rua Boa Vista (Felisberto Carrejo), (Rua Sertãozinho José Ayube), Praça das Cavalhadas (Coronel Carneiro), Praça da Matriz (Cícero Macedo). Com o crescimento demográfico, as lideranças políticas pleitearam a emancipação do povoado de São Pedro de Uberabinha do Termo de Uberaba, o que foi concretizada através da Lei nº 4643 de 31 de agosto de 1888. A Vila de São Pedro de Uberabinha foi elevada à categoria de Cidade pela Lei Nº 23 de 24 de Maio de 1892, instalando-se a primeira Câmara Municipal e sendo o Agente Executivo, que corresponde hoje ao cargo de Prefeito, o Sr. Augusto César Ferreira e Souza.

O processo de urbanização acelerou-se graças à atuação de alguns personagens idealistas. A construção da estrada de ferro foi de vital importância para o progresso da cidade e quem primeiro pensou em estabelecer aqui o transporte ferroviário foi o Coronel José Teófilo Carneiro. Como o projeto era arrojado, o Cel. Carneiro não mediu esforços em fazer com que a Cia. Mogiana de Estradas de Ferro passasse a operar em Uberabinha.

¹³“Ao descobrir que Uberabinha não fazia parte do roteiro originalmente traçado pela Cia. Mogiana idealizou um novo trajeto incluindo nele a essa cidade. Em 21 de dezembro de 1895, foi inaugurada a Estação Ferroviária da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro, localizada no final da hoje Av. João Pinheiro que, junto aos telégrafos, fez a ligação de Uberabinha com outras cidades mais desenvolvidas, inserindo-a no cenário nacional”.

Na época, entretanto, a via férrea passava pelo meio do cerrado e os caminhos que ligavam a cidade eram conhecidos por "Estradas". O crescimento de Uberabinha obrigou o desenvolvimento do parque ferroviário, com a construção de novas estações

¹³ Fonte jornal correio

de embarque de passageiros e mercadorias. A primeira modificação se deu em 1941, sendo construída a nova estação onde hoje está o viaduto da Avenida João Naves de Ávila, sobre a Av. Afonso Pena.

Dessa forma, a estrada de ferro arrastou a cidade para o norte, sendo responsável pela urbanização do que hoje é o centro de Uberlândia e na época era apenas a "cidade nova", mas acabou sendo a barreira de seu desenvolvimento urbanístico.

A cidade cresceu até as portas da Mogiana e ultrapassou seus limites, continuando a crescer para o norte, fazendo-se necessária à mudança da estação. Inaugurada em 1970, localiza-se nas proximidades do Aeroporto de Uberlândia, trevo da rodovia BR-050, que se dirige a Brasília e à Cidade Industrial. No ano seguinte deixou de ser Mogiana para ser FEPASA (Ferrovia Paulista S/A). Mudou de nome, mas sua importância ainda permanece. Nos caminhos do progresso a cidade se beneficiava com melhoramentos que foram condicionantes da urbanização. Em 1894, se deu a construção do primeiro matadouro e, em 1897, era editado o primeiro jornal da cidade, "A Reforma"; Em 1909, foi inaugurado o serviço de fornecimento de energia elétrica, construída a Ponte Afonso Pena, ligando Uberabinha a Goiás, inaugurada a primeira sala de exibição, o Cinema São Pedro e construída a Praça da Liberdade, no local do antigo cemitério, onde, mais tarde, se edificou o Paço Municipal.

¹⁴“A partir da instalação da usina geradora de energia elétrica, várias fábricas se instalaram: marmoraria, ladrilhos, bebidas, artefatos de couro, tecelagens, etc., que deram início ao desenvolvimento industrial da cidade. Em 1912, graças à atuação de Fernando Vilela, Uberabinha consolidou sua inserção na economia nacional com a instalação da Companhia Mineira Intermunicipal de Auto-Viação, estabelecendo as bases da comunicação, necessárias para efetivar o desenvolvimento econômico da cidade. A inauguração de novos e diversificados empreendimentos dão continuidade ao processo de urbanização. De um campo de futebol surge, no início do século, a Praça da República. Graças à quantidade de bambus ali plantados foi chamada pela população de Praça dos Bambus. “

¹⁴ Fonte arquivo municipal de Uberlândia

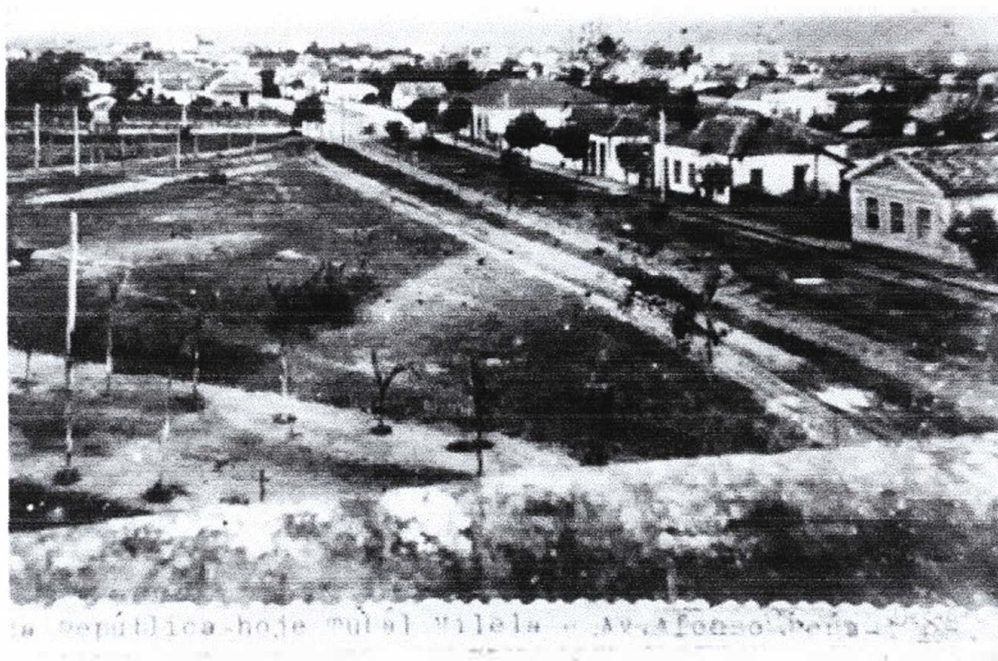


Foto das Praças dos bambus – República

No início da década de 40, na gestão do Prefeito Vasco Gifone, a praça foi remodelada pelo paisagista Júlio Steinmetz passando a chamar-se Praça Benedito Valadares, nome que não foi bem aceito pela população, retornando, após o final do mandato de Vasco Gifone, seu antigo nome. Em 1959, passa a chamar-se Tubal Vilela, sendo remodelada pelo projetista e engenheiro uberlandense João Jorge Cury, com uma concepção mais voltada para um espaço de convívio e de encontro.

A Praça Tubal Vilela, além de ser um conjunto arquitetônico representativo da identidade cultural da cidade, abrigou ao seu redor construções, como: Hotel Zardo e Colombo; edifício do Fórum (1922); Escola Estadual Bueno Brandão, construída em 1915, demolida e reconstruída em 1967 e a Igreja Matriz de Santa Terezinha, de 1941. A praça constituiu-se também, em um importante referencial para a comunidade. Em 1929, através de um plebiscito, Uberabinha passou a chamar-se Uberlândia, nome sugerido por João de Deus Faria. Ao longo do caminho do desenvolvimento procurou-se reavivar a memória recuperando alguns elementos do núcleo urbano.

Ao longo deste trabalho foi possível perceber que a Escola Estadual Bueno Brandão tem uma importância toda especial para a sociedade uberlandense. Esse foi um

fator motivador a mais para buscarmos apreender aqueles elementos que conferem identidade a essa instituição de ensino, ou seja, aquilo que lhe confere um sentido singular no cenário social da cidade, mesmo que esses valores tenham se transformado no decorrer dos tempos.

As experiências no campo da pesquisa em História da Educação possibilitam descortinar um mundo rico em detalhes e dinâmico nas relações sociais, principalmente, quando nos referimos à trajetória educacional brasileira, com suas especificidades regionais e locais. Sobre isso, António Nóvoa, faz as seguintes observações:

“É fundamental valorizar os trabalhos produzidos a partir das realidades e dos contextos educacionais. A compreensão histórica dos fenômenos educativos é uma condição essencial à definição de estratégias de inovação. Mas para que esta inovação seja possível é necessário renovar o campo da História da Educação. Ela não é importante apenas porque nos fornece a memória dos percursos educacionais, mas, sobretudo, porque nos permite compreender que não há nenhum determinismo na evolução dos sistemas educativos, das idéias pedagógicas ou das práticas escolares: tudo é produto de uma construção social¹⁵.”

Por isso, ao pensarmos aqui o problema educacional, procuramos compreender as relações existentes, sem perder de vista as singularidades educacionais. Essa foi uma premissa importante que auxiliou compreender as mudanças processadas nessa instituição educacional. Dentre elas, chamam atenção os fatores que contribuíram para que uma escola que originalmente cumpriu o papel de educar os filhos da elite local, hoje compor suas salas de aula majoritariamente com pessoas provenientes dos setores populacionais de baixa renda.

¹⁵ António NÓVOA. “Inovações e História da Educação”. *Teoria e Educação*. Nº 6, 1992, p. 221.



Foto da Escola Estadual Bueno Brandão de 1915

A Escola Estadual Bueno Brandão está situada na Rua Olegário Maciel, tendo de um lado uma lanchonete e do outro uma loja de venda de celulares. Do lado oposto (aos fundos) está a Rua Santos Dumont e vários pontos comerciais, constituindo um mine shopping; em frente situa-se a principal Praça da cidade, chamada Tubal Vilella. Do outro lado dessa praça está a igreja mais importante da cidade, a Catedral. Logo acima da Escola, está uma das principais vias de trânsito de Uberlândia, a Avenidas Floriano Peixoto e abaixo, a não menos importante Avenida Afonso Penna. Em ambas as avenidas estão concentrados o centro comercial de Uberlândia, por onde passam diariamente mais de 200 mil pessoas.

Para professores, alunos e demais pessoas que direta ou indiretamente se relacionam com a Escola Bueno Brandão, a sua localização no coração da cidade de Uberlândia é um ponto polêmico. De acordo com os relatos de alguns alunos, professores e até comerciantes, eles vêem com bons olhos essa localização. Para outros, como Maria Carolina, estudante de pedagogia pela Universidade Federal de Uberlândia, que na época da entrevista fazia estágio na Escola Estadual Bueno Brandão,

“Apesar da Escola onde estou estagiando ser de fácil acesso, percebo que alunos ficam dispersos, devido ao barulho dos carros, principalmente dos carros de anúncios, e da movimentação em torno da Escola, principalmente pelo fascínio

da Praça Tubal Vilella. Percebo que meu estágio e as aulas não rendem o suficiente, se a escola estivesse localizada em um bairro mais periférico da cidade. Portanto, não acho vantagem nenhuma não para mim, para os alunos, pois, aprendizagem não é apreendida pelos alunos como deveria”¹⁶.

Notamos na narrativa da estudante Maria Carolina, a preocupação com a qualidade do ensino, principalmente com o seu papel social diante dos alunos, questão essa que quando este pesquisador fez estágio nesta mesma Escola não percebeu como preocupação por parte do professor que trabalhava anos nesse espaço educacional. Esse professor, aliás, parecia se confundir com o patrimônio daquela escola: sem cor, deteriorado pelo tempo e pelo descaso governamental. Apresentando uma postura relapsa diante dos alunos, não transmitia o menor prazer pela profissão que exercia.

No desenvolvimento da pesquisa, o que constamos na Escola estadual Bueno Brandão, quando adentramos o seu interior, é que se trata de uma estrutura que foi construída para atender a uma grande demanda de alunos. No entanto, hoje, nem todas as salas são utilizadas, sendo que muitas se encontram desativadas por falta de turmas ou em função das condições precárias de conservação, o que, neste último caso, apenas comprova a surrada tese do descaso governamental em relação à educação. Percebemos, também, durante a pesquisa, que o perfil dos alunos dessa instituição é majoritariamente constituído por pessoas humildes, cuja maioria mora nas periferias da cidade. Ou seja, é raro encontrar alunos daquela instituição que moram nas redondezas ou em bairros próximos à escola, comprovando que são jovens que normalmente não conseguem vagas nas escolas próximas, nos seus respectivos bairros. Uma outra motivação que leva alunos residentes em bairros periféricos a estudarem no centro de Uberlândia, está associada ao fato de que, no imaginário dos pais dos alunos, seus filhos estudando no centro, e não na periferia, tem acesso a uma educação de melhor qualidade e, também, a um ambiente diferente daquele vivenciado nos bairros onde moram, tal como revela José de oliveira, pai da aluna Bianca de 15 anos: “moro no bairro Morumbi e matriculei

¹⁶ Entrevista realizada em outubro de 2008, Maria Carolina 25 anos estudante de pedagogia (nome fictício)

minha filha nessa escola devido a qualidade da educação realizada aqui no centro da cidade e pelo ambiente mais sossegado para estudar que no bairro onde moro”¹⁷.

Para outros, ainda que corroborem a tese da importância de colocar seus filhos em uma escola central, o fazem, também, premidos pelas circunstâncias. É o que se pode notar do depoimento do comerciante Carlos Souza, de 35 anos, dono de uma padaria no Jardim Patrícia:

“Matriculei minha filha Amanda, de 16 anos, nessa escola por falta de vagas na escola mais próxima de minha casa. É um sacrifício, pois tenho que deixar meu comércio na mão dos meus funcionários para trazer e buscar minha filha. Mas, apesar do transtorno vale a pena, pois preciso pensar no futuro da minha filha. Mas, rezo para que o governo mude esse quadro de poucas vagas na escola do meu bairro”¹⁸.

O que notamos na fala desse senhor, acima citado, é que a população uberlandense anseia por mais vagas nas escolas públicas e que a Escola Estadual Bueno Brandão, com o passar dos anos se tornou uma forma alternativa para alunos de outros bairros, porém, uma escolha por vezes dolorosa para alguns pais.

Outra questão que cabe destaque diz respeito ao fato de que a expectativa da população diante da educação estadual na cidade de Uberlândia não é das melhores. Isso se explica com o crescimento e valorização dos cursinhos pré-vestibulares e das escolas particulares, que se multiplicam a cada dia. Assim, a população fica refém dos donos dessas escolas, ainda que, em muitos casos, apresentem uma qualidade suspeita, cujo prestígio é alimentado pela propaganda, utilizando-se, através de franquias, do nome de instituições famosas, como anglo, objetivo, etc. Por seu lado, as escolas estaduais sofrem com uma concorrência desigual, pois muitos dos seus profissionais, que são pagos pelo Estado (aliás, diga-se de passagem, mal pagos), são atraídos para trabalhar naquelas escolas particulares, minimizando as suas necessidades financeiras.

¹⁷ Entrevista realizada em 20 de setembro de 2008, pelo senhor José de Oliveira de 45 anos, mestre de obras, pai da aluna Bianca de 15 anos (nome fictício)

¹⁸ entrevista realizada em abril de 2008, concedida pelo Senhor Carlos de Souza, 35 anos comerciante. (nome fictício)

Mesmo com todas essas dificuldades, é um alento encontrarmos profissionais sérios, que querem a melhora da educação, como é o caso de Mariana, uma jovem professora contratada:

“Todos sabem das condições precárias que vivemos não só na educação como em outras áreas como a saúde, por exemplo, Mas o que fazemos? Cruzo os braços e deixo essas crianças e esses jovens sem expectativa nenhuma, a mercê da sorte e dessa sociedade individualizada? Não, devemos lutar com os meios que temos, mesmo que sejam poucos¹⁹.”

Notamos na fala, dessa profissional, jovem e valente, que as realizações podem vir de diversas formas, que ainda têm pessoas que acreditam na improvisação, na dedicação mesmo sabendo que sua profissão não é valorizada suficientemente pela sociedade. Assim mesmo, a satisfação de ensinar está para esta jovem em primeiro lugar. No entanto, cabe indagar até quando pessoas como essa jovem professora vai suportar o descaso, porque somente vontade e coragem não são suficientes para realizar uma educação de qualidade e consistente, capaz de contribuir para mudar a realidade em que vivem muitos estudantes das escolas públicas.

Através desta pesquisa, verificamos que muitos professores mereceriam reconhecimento e homenagens em função do que fazem, porque além de lidarem com as condições adversas de infra-estrutura (falta de bibliotecas e salas de aulas não condizentes com uma estrutura digna, para citar apenas parte dos problemas), ainda têm que conviver com alunos mal educados, convivendo com constantes ameaças, geralmente sem contar com apoio dos próprios pais dos alunos ou da instituição.

¹⁹ Entrevista em agosto de 2008, concedida pela jovem professora de português Marina de 27 de nos .(nome fictício)

CAPITULO II:

Violência e Insegurança um dilema: entre Alunos Pais e Professores

Neste segundo capítulo, as atenções estiveram voltadas para os problemas e angustias dos alunos e seus pais, professores e funcionários da Escola Estadual Bueno Brandão. Para as reflexões aqui contidas, tornou-se importante, também, o estudo do Proerd, um programa anti-drogas, realizado pela Polícia Militar de Minas Gerais.

Na condição de aluno do curso de história da UFU, na Escola Estadual Bueno Brandão, este pesquisador percebeu que alguns problemas existentes entre os alunos daquela escola não eram percebidos nem mesmo pelos seus professores. Esse foi um dos fatores que instigou o desenvolvimento desta pesquisa de campo. No primeiro dia, na Escola Estadual Bueno Brandão, percebemos que havia alunos de bairros distantes do centro da cidade. Alguns tinham problemas familiares de agressões e trabalhos obrigatórios, normalmente pesados para idade de uma criança em crescimento.

Notamos que quando terminavam as aulas, por volta das 17 e 30 horas, um aluno chamado Paulo, da sexta série do ensino fundamental, enfaixava o seu braço antes de ir embora. Intrigado, com esse procedimento, ao interrogar o estudante sobre porque agia daquela forma, ele alegou que se não fizesse aquilo os pais o mandava fazer coisas que não queria. Perguntado sobre que coisas seriam essas, obtivemos a seguinte resposta: “trabalho pesado tio, como carregar telhas e caixa de papelões e para escapar tenho que botar essas faixas.”²⁰.

Assim, detectamos que alguns alunos da Escola precisavam não somente de um professor que passava as matérias escolares, mas, sobretudo, de um educador. Alguém dedicado, ciente do seu papel em sala de aula, sem vícios discriminatórios ou desconfianças, com capacidade psicológica e intelectual e conhecedor da realidade em que vive e dela faz parte.

²⁰ Entrevista concedida pelo aluno Paulo em setembro de 2008(nome fictício)

Diferentemente disso, o que encontramos em alguns profissionais foi descrença com a profissão e falta de motivação. Alguns estavam simplesmente cumprindo horário e sequer colocavam a culpa no Estado. Aliás, talvez, pelo fato das suas condutas serem ainda piores do que as adotadas pelos governantes, pois, com o seu trabalho estavam fazendo milhares de crianças perderem seu tempo, pouco se preocupando com o futuro das mesmas. O que pensar de tais professores?

A estas alturas, talvez, o leitor possa estar pensando que fugimos do tema central deste capítulo, afinal, anunciamos que trabalharíamos aqui a questão da violência. Entretanto, seria possível qualificar como não violentas atitudes como estas em que os profissionais não cumprem com o seu dever de ofício, apesar das consequências que isso acarreta? Em entrevista com senhor Walter, comerciante, dono de um estabelecimento comercial perto da Escola, este relata:

“Em minha longa vivência trabalhando ao lado desta Escola já passei por muitas alegrias aqui, mas também por alguns dissabores. Antigamente a gente saía da escola para fazer brincadeiras sadias, como jogar bolinha de gude, empinar pipa, bater bafo (figurinhas). Mas, observando os garotos de hoje, eles saem para brigar na Praça, fumar cigarro, passar a mão na bunda das garotas e também fazer pequenos furtos. Antes podia deixar a banca de fora que não sumia mercadorias, hoje, se fizermos isso estamos fadados ao prejuízo. As pessoas tinham respeito, você não ouvia falar em drogas, hoje tá cheio de viciados ai nas ruas e como eles não trabalham e portanto não tem dinheiro para poder sustentar seus vícios, eles vão roubar você ai nas ruas, levar as mercadorias de nossa lojas e casas porque é o único jeito deles fumar as drogas deles”²¹.

Percebemos o quanto o senhor Walter está desgostoso com essa atual situação. Medo de sair de sua residência, preocupado se ao retornar irá achar os seus pertences, medo de trabalhar porque está exposto a um possível assalto ou a pequenos furtos

²¹ Entrevista concedida pelo senhor Walter de 65 anos, comerciante . (nome fictício)

provocados pelos próprios alunos. Na sua fala, ele destaca um dos maiores problemas da sociedade, que são as drogas, um dos principais ingredientes para muitos problemas existentes nos dias de hoje.

Voltando para dentro da instituição, conversando com os professores, pais, diretores, serventes e alunos, eles nos revelaram as formas como essa violência é praticada na escola, como ela é externada pelos alunos ou até mesmo pelos professores. Chama atenção o relato de uma aluna que deixa bem claro o despreparo profissional de um determinado professor da escola, o que contribui para desestimular o aluno para o aprendizado:

“Na minha sala de aula tem um professor que vive colocando apelidos em mim e nos meus colegas, tem um colega meu, que ele chama de bico de égua, só porque ele tem lábios grandes. Ele começa chorar, ele fala assim, não esquentam vamos cortar um pedaço e fazemos uma feijoada. Já o meu apelido é Dumbo porque tenho as orelhas um pouco compridas, eu não sou elefante não senhor”.²²

Esse fato nos revela uma forma profunda de violência, o menosprezo com as crianças, que contrapõe a idéia que se tem da escola e, principalmente, da educação, como local de aprendizado e de formação.

Por outro lado, tanto os professores como alguns serviçais da escola, reclamam da falta de disciplina dos alunos, da falta de respeito dos alunos para com os profissionais e até mesmo com eles próprios. Reclamam ainda que esses alunos não são educados nas suas famílias, como deveriam ser, que acabam deixando essa responsabilidade para a escola. Como narra dona Fátima²³, “um dia chegou uma mãe aqui no portão da escola e falou assim: toma essa peste para você que eu não agüento mais, pelos menos aqui me dá um pouco de sossego”. Nota-se nesta fala o desprezo que a própria mãe tem com o seu filho, fugindo de sua responsabilidade de educá-lo e delegando essa função primordial somente para escola. Portanto, se a própria família

²² Entrevista de uma aluna da escola nome não revelado

²³ Entrevista concedida pela Dona Fátima, 45 anos . (nome fictício)

não se responsabiliza pela educação dos filhos, não lhes dão o apoio necessário para que os mesmos se tornem numa pessoa educada, é evidente que esse já é meio caminho para que as coisas dêem erradas também na escola. Até porque, muitos educadores trabalham com a premissa de que o aluno já vem com os valores formados e esse ponto crucial para os problemas vivenciados pelo aluno na escola. E o que é pior: os pequenos atos de indisciplina podem resultar em atos de violência.

Em alguns casos, a família nem fica sabendo se o seu filho está freqüentando as aulas ou não, como relatou em seu depoimento à senhora Geni:

“Teve uma vez que minha amiga foi lá em casa me contar que o meu filho tava matando aula para ficar jogando fliperama, mas quando ele chegou a casa dei uma bronca nele e perguntei por que matava as aulas. Ai me disse que não ia as aulas devido a uma turminha dum fulano de tal que tava querendo bater nele, na saída da escola, por causa de um envolvimento dele numa briga semana atrás, puxa eu nem sabia dessa briga realmente a direção da escola não me alertou sobre isso²⁴.”

Ou seja, as práticas de violência se expandem tanto por fora como por dentro da escola e acabam interferindo na vida dessas pessoas de tal maneira que impedem alguns alunos até mesmo de freqüentar as aulas. Quando a mãe fala que ficou indignada com tal situação é porque estava tirando um sonho, um desejo dela de ver seu filho estudando e tornado-se um vencedor na vida.

O senhor Oswaldo, há pouco tempo na escola, conta que ainda está formando experiência de trabalhar numa instituição como aquela, mas já presenciou algo que o deixou perplexo: um aluno tentando colocar fogo na escola:

“O menino pegou várias folhas de caderno, e fez uma pequena fogueira no pátio com ajuda de mais três alunos, a fumaça se espalhou rapidamente pelo pátio, nos chamamos a patrulha

²⁴ Entrevista concedida pela senhora Geni, 30 anos .(nome fictício)

escolar e aí então conversaram com ele e tudo foi resolvido. Este aluno segundo funcionários mais antigos, quebrou várias carteiras, e foi suspenso por alguns dias pela escola²⁵.”

O Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência – PROERD consiste em um esforço cooperativo da Polícia Militar, escola e família para oferecer atividades educacionais em sala de aula, a fim de prevenir e reduzir o uso de drogas e a violência, entre as crianças e adolescentes. A ênfase deste programa está em auxiliar os estudantes a reconhecerem e resistirem às pressões diretas ou indiretas que os influenciarão a experimentar álcool, cigarro e outras drogas, ou mesmo, adotarem comportamentos violentos.

Este programa, passou a ser a resposta das PMs para a questão das drogas. A vocação preventiva contra o crime, prevista pela constituição, estendeu-se também para as drogas e a violência em trabalho inédito nas escolas. Com esse projeto o policial militar mostrou que também é sensível e que pode atuar com sucesso em outras áreas. Vencendo muita resistência inicial, o trabalho do PROERD tornou-se um sucesso, despertando em nossa sociedade a importância e a necessidade do trabalho de prevenção junto às escolas.

É um programa essencialmente preventivo ao uso de drogas e à contenção da violência entre crianças e adolescentes, em todos os seus aspectos (físicos/morais) e, como tal, tem como finalidade evitar que crianças e adolescentes em fase escolar iniciem o uso das diversas drogas existentes em nosso meio, despertando-lhes a consciência para este problema e também para a questão da violência. O Programa, através de suas aulas, ensina aos alunos, de forma cativante, descontraída, lúdica e por meio de diversas formas pedagógicas; técnicas voltadas para a resistência às pressões do cotidiano, provenientes da busca de tomar decisões e fazer escolhas semelhantes aos amigos, por pura necessidade de estar em grupo, e auxílio para que adquiram consciência da necessidade de dizerem “não” às drogas e à violência.

O programa Proerd, tenta alcançar principalmente crianças de baixa renda da cidade de Uberlândia, buscando diminuir e impedir o consumo de drogas nas escolas, a

²⁵ Entrevista concedida pelo senhor Oswaldo, 57 anos.(nome fictício)

eficiência do programa é comprovada mundialmente através de pesquisas científicas e no Brasil não é diferente; a USP – Universidade de São Paulo elaborou uma pesquisa científica que foi coordenada pela Dr^a Sueli Queiroz, pesquisadora do Grupo Interdisciplinar de Estudo de álcool e outras drogas “(GREA) e após este trabalho ficou comprovado que o PROERD alcançou-me dia de 95 % de aprovação no Brasil. Tal pesquisa só veio confirmar a eficiência do programa no Brasil, mostrando que a Polícia Militar leva com seriedade e profissionalismo a execução do PROERD, baseando seu trabalho em cima da prevenção, deixando a repressão como prioridade.

O programa, através de uma solenidade de formatura, procura elevar a estima dos alunos que normalmente, é baixa convidando várias autoridades para o evento para entrega de diplomas e distribuição de camisetas e brindes. Na cidade Uberlândia no ultimo ano de 2007, o programa formou mais de 1840 alunos, os quais se formaram fatores multiplicadores á prevenção do uso das drogas, número considerado expressivo pelo comando da Polícia militar local. Neste ano também, Instituição da Polícia Militar recebeu viaturas doadas pela prefeitura de Uberlândia para ampliar o programa alçando mais bairros.

Através deste programa a Polícia Militar, alcança não só a prevenção contras as drogas, mas também atinge a família onde sua desestruturação é evidente, como relata entrevista aluna de 5^a serie que não quis se identificar:

“Lá na minha casa mora eu mais dois irmãos, meu pai e minha mãe. A minha mãe sai para trabalho cedo e volta só à noite, e meu pai vai para rua beber pinga, e quando chega a casa ele bate na gente e faz a gente ir para escola a empurrões, a gente vai chorando. E quando não é meu pai, meus irmãos mais velhos e que me batem porque sou menor que eles.”²⁶

A pobreza, a violência, alcoolismo, a desestruturação familiar, são as principais causas que deterioram o ambiente familiar. Infelizmente, os indivíduos que vivem estas problemáticas intrafamiliar são freqüentes alvos de violência pelos próprios membros da família. Como no caso dessa aluna da 5^a serie, a probabilidade dessa pessoa praticar atos

²⁶ Aluna da 5^a série não identificada

de violência na escola é muito grande, pois ela vivencia essa pratica dentro de seu lar diariamente.

Até o ambiente onde mora, (alem da má educação que recebem da família) de certa forma influencia no comportamento violento do aluno na escola. Como cita Lucimar Gomes Franca em sua monografia de conclusão de curso:

“Como no caso do bairro Tibery, onde existem vários pontos de prostíbulos, de tráficos de drogas ao redor da Escola Estadual Sérgio de Freitas Pacheco. Esses jovens vão formando suas condutas, seu caráter, seu modo de viver de acordo com que eles presenciam no seu cotidiano”.²⁷

Embora exista uma continuidade na passagem dos valores dos pais para os filhos, temos que considerar que os jovens adquirem a sua identidade não só dentro de casa, mas também nas ruas e dentro da própria escola. Mas, o papel familiar é o mais importante porque este dá suporte para uma identidade mais sólida do caráter de uma pessoa.

Além de todos os problemas de “violência” que ocorrem na escola que são vivenciados por todos que dela fazem parte, ainda assim tem que enfrentar a falta do papel do Estado de cumprir a obrigação, coisa que muitas vezes isso não acontece. Analisando tal situação, passando pelas salas de aula da Escola Estadual Bueno Brandão, notamos a deficiência dos objetos que servem alunos e professores, carteiras quebradas, mesas, banheiros em péssimas condições de uso, a falta de um lanche adequado, a falta de um espaço digno a pratica de esportes, etc.

Todos esses deveres são de responsabilidade do Estado, mas o que percebemos é que na maioria os deveres não são atendidos com eficiência, deixando a escola impossibilitada de atender os estudantes.

²⁷ Monografia de graduação em Historia de Lucimar Gomes Franca, **A Problemática da violência Urbana**

Discutir a violência nas escolas torna-se necessário discorrer sobre um dos principais problemas que a cidade de Uberlândia enfrenta no seu cotidiano, no que diz respeito às várias formas de violência que se desenvolvem a cada dia que passa. Mas a violência não deixa de ser uma característica das grandes cidades, que acaba influenciando nos comportamentos das pessoas, interferindo nos espaços públicos como um todo.

A violência urbana desta – se das diversas maneiras nas grandes cidades. Sejam através de roubos, assassinatos, lesões corporais e diversos outros crimes que aumentam a insegurança popular. O mais importante em dizer é que a violência esta presente em todos os lugares sem distinção social; e autora Beatriz Sarlo diz em um dos trechos de sua obra:²⁸“alimenta um sentimento de insegurança que se converteu em uma paixão: a paixão pelo (dê)sorganizador das relações com espaço publico”.

A violência chegou a tal ponto que se expandiu em todos os lugares dentro das cidades, mudando o sentimento da sociedade em relação aos espaços públicos, como as ruas, as praças, e ate mesmo dentro das escolas. Estes espaços onde poderiam ser vistos como integração social, se transformaram em espaços de brigas para delinquentes, as pessoas marginalizadas que na maioria das vezes tem algum tipo de reincidência criminal, propicias a qualquer momento de praticar crimes de menores ou maior porte.

Com esse aumento da violência nas grandes cidades, é comum a vê as pessoas trancando suas casas, construindo fortalezas contendo cerca elétricas, câmaras, e vários outros obstáculos, para “protegerem” da violência urbana. Já outros procuram a solução na segurança privada, pois, até neste aspecto o Estado peca.

Outro fator é a propaganda sensacionalista veiculada pela mídia principalmente pelos jornais, e programas como chumbo grosso veiculado pela TV massificando a violência e aumentando a sensação de insegurança. O imaginário da violência que se expande por toda sociedade, formando opiniões entre a população, que existe violência por toda cidade, e a “fábrica do medo”, sob várias formas atingindo todas as classes sociais, esse sentimento é espalhado pelos meios de comunicação, que não tem o

²⁸ Beatriz, Sarlo. *Contrastes da cidades* .pág . 49

objetivo de informação e sim de vender o seu produto que tem fins estritamente lucrativos.

Quando o aparelho estatal não atua com eficiência ao combate da violência, abre espaços para os grupos de pessoas marginalizadas se armarem, surgindo os crimes organizados como, por exemplo, o PCC em São Paulo, e conhecido Comando Vermelho no Rio de Janeiro, algumas dessas organizações fazem a segurança da sociedade e esta fica em dívida com estes criminosos. Criando assim, um Estado não institucionalizado, que compete com Estado constituído de forma desleal. Corrompendo funcionários públicos, policiais conseguindo assim armamentos bélicos sofisticados, dessa forma criam capacidade para combater diretamente o Estado.

Mas quem acaba sofrendo na pele, com toda essa violência é a sociedade. Diminuindo, a cada momento o seu espaço de convívio, pois o medo esta constantemente permeando as suas mentes.

Claramente podemos ver que as pessoas são obrigadas a ficarem fora do espaço publico e sem nenhuma condição social mínima de lazer e entretenimento, tendo que conviver a mercê dos atos de violência urbana, lutando pela sua sobrevivência, com muitas dificuldades. Enquanto isso várias pessoas são obrigadas a conviver lado a lado com violência praticada dentro da escola por pessoas que já foram influenciadas externamente.

Contudo, vimos que a cidade de Uberlândia como qualquer outra metrópole, esta refém da violência, esta não escolhendo publico alvo e nem espaço, abrangendo todos os setores sociais. Não interessando o poder aquisitivo, a cor da pele, a religião, deixando todos vulneráveis as causas e os fatores da violência urbana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi a reflexão sobre as experiências e vivências dos alunos, professores, pais, e todos que permeiam de alguma forma por volta Escola Estadual Bueno Brandão e até populares da própria cidade de Uberlândia. Utilizando as memórias desses agentes históricos, para revelar anseios, conflitos e até soluções para o problema descrito.

Procurando pensar sobre cada narrativa dos entrevistados, relacionando com os autores lidos, revelado com o sentimento de medo, da sensação de insegurança, vivida por cada um da sociedade, quebrando paradigmas e preconceitos concebidos por todos nós. E como esses sentimentos transparecem na Escola Estadual Bueno Brandão, nas ruas da cidade, nos espaços públicos que deveriam acolher e não afastar a população.

E como esses alunos, professores, pais e demais indivíduos resistem diante dos empecilhos, que convivem dia-a-dia, arduamente sem trégua, sempre com esperança da melhora.

Durante o desenvolvimento do trabalho monográfico, constatamos o quanto as pessoas valorizam cada espaço, seja ele próprio ou coletivo, principalmente as instituições públicas que são muitas vezes criticados pelo senso comum, pela influência da mídia. Mas, diante desta pesquisa a população deu sua resposta que as instituições públicas são importantes, tendo a consciência que estão sucateados, não pela vontade da maioria e sim pela vontade dos aproveitadores, dos corruptos.

Aprendemos, o quanto é importante o trabalho com as fontes orais, sabendo do perigo de da manipulação, das incertezas que elas podem trazer e do sentimento de paixão que são sua essência ou poderíamos dizer a pura face do ser humano. Mas é essencialmente prazeroso manipular as fontes sejam elas orais, escritas ou áudio visuais.

Descobrimos que cada história relatada pelas pessoas, contidas neste trabalho, nos enriquecem como ser humano, a repensar nosso modo de vida a refletir a cidadania, os nossos deveres e direitos.

Como historiador, compreendi na prática o tanto que é importante esse ofício, as dificuldades enfrentadas, a importância de nosso papel social, da paixão que é esta profissão tão pouco valorizada, mas estritamente útil quando bem aproveitada.

O importante que percebemos que a violência está intensa na cidade de Uberlândia como no país todo, mas que tem solução se cada um de nós fazemos nossa parte, ali mesmo em casa no seio de nossa família, nas atitudes e ações em nosso trabalho qual for ele, no tratamento ao próximo.

FONTES UTILIZADAS

I – Fontes Orais

Professora Maria, da E.E.Bueno Brandão.

Entrevista realizada em outubro de 2008, Maria Carolina 25 anos estudante de Pedagogia.

Entrevista realizada em 20 de setembro de 2008, pelo senhor José de Oliveira de 45 anos, mestre de obras, pai da aluna Bianca de 15 anos.

Entrevista concedida pelo senhor Walter de 65 anos, comerciante entrevista de uma aluna da escola nome na revelado.

Entrevista concedida pelo senhor Oswaldo, 57 anos.

Entrevista em agosto de 2008, concedida pela jovem professora de português Marina de 27 de nos.

Entrevista concedida pela Dona Fátima, 45 anos.

Entrevista concedida pela senhora Geni, 30 anos.

OBSERVAÇÃO: todos os nomes dos entrevistados são nomes fictícios entrevistas informais. Pedidos dos próprios entrevistados

II – Fontes Impressas

Monografia de encerramento de Curso de História de Lucimar Gomes Franca A
Problemática da violência Urbana

Jornal correio

Arquivo Municipal de Uberlândia

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FÊLIX, Sueli A.F. **Geografia do crime: Interdisciplinaridade e relevâncias.** Marília: Unesp, 2002.
- SOUZA, M.L. **A Delinquência juvenil em Uberlândia: Uma análise do adolescente e da família.** Monografia 2003. UFU Uberlândia.
- CARLOS, A.F.^a **O Espaço Urbano: novos escritos sobre a cidade.** S.P. Contexto 2004.
- PORTELLI, Alessandro. **Forma e Significado na História oral. A pesquisa como um experimento em igualdade.** Trad. Maria Therezinha Janine Ribeiro. Ver. Técnica : Déa Fenelon . Proj. História, São Pulo, 1997.
- PORTELLI, Alessandro. **A Filosofia e os fatos, narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais.** Tempo, Rio de Janeiro, Vol 1 nº2, 1996.
- SAMUEL, Raphael . **Historia Local e História Oral.** In **Revista Brasileira de Historia . História em Quadro – Negro: Escola, Ensino e Aprendizagem.** São Paulo; Marco Zero/ANPUH, N.19, 1990.
- THOMPSON, E.P. **A Miséria da teoria ou um planetário de erros.** Trad. Waltencir Dutra. Rio de Janeiro; Zahar Editores, 1981.
- NÓVOA, Antônio. **“Inovações e História da Educação”. Teoria e Educação.** Nº 6, 1992.
- Beatriz, Sarlo. **Contrastes das Cidades**